

A EDUCAÇÃO NATURALISTA DE LIBERDADE NO ESTADO NA OBRA EMÍLIO DE ROUSSEAU

Igor Saplak¹
Fábio Gumieiro²

57

RESUMO: O artigo tem por tema a educação naturalista proposta por Rousseau. O filósofo postula um Estado assegurador da liberdade individual e ao mesmo tempo, competente com o bem comum. Deve haver harmonia entre a vontade do Estado e a vontade dos cidadãos, que conciliada possibilita a vontade geral, garantida pelo povo: o próprio Soberano do Estado. Os indivíduos agem pela lei, tendo-as como valores intrínsecos em sua consciência. Esse pensamento pressupõe o esclarecimento de cada pessoa, que agiria livremente, com autonomia no Estado. É por meio da educação que se pode alcançar esse esclarecimento. Entendendo a educação como construtora e organizadora de toda sociedade, o artigo propõe uma análise da pedagogia moderna do filósofo, como ele pretende tornar o homem esclarecido para viver em sociedade a partir de sua educação naturalista, empírica e sensitiva. Defende, portanto, a visão de que Rousseau propôs uma educação civilizatória, que se torna necessária a partir do contrato social, para proporcionar a unidade entre os cidadãos e garantir a soberania da vontade geral contra as vontades egoístas. Problematisa-se sobre qual caminho a educação deve seguir atualmente para formar um homem autônomo, tendo-a como um processo permanente na vida humana. A partir da análise dos estágios da formação humana no *Emílio*, conclui que a educação deve incentivar a liberdade desde a infância, permitindo a todo indivíduo um agir reflexivo e autônomo para garantir sua finalidade: a racionalidade.

Palavras-chave: Educação. Natureza. Sociedade. Esclarecimento. Liberdade.

ABSTRACT: The article has as its theme the naturalistic education proposed by Rousseau. The philosopher postulates a state that assures individual freedom and at the same time, competent with the common good. There must be harmony between the will of the state and the will of the citizens, which reconciled enables the general will, guaranteed by the people: the Sovereign of the state himself. Individuals act by law, having them as intrinsic values in their consciousness. This thinking presupposes the enlightenment of each person, who would act freely, with autonomy in the state. It is through education that this enlightenment can be achieved. Understanding education as a builder and organizer of all society, the article proposes an analysis

¹ Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Vicentina. Contato: igor_saplak@hotmail.com

² Bacharel em Filosofia, Licenciado em História, Especialista em História Contemporânea e Relações Internacionais e Mestre em Cultura e Sociedade.

of the philosopher's modern pedagogy, as he intends to make the enlightened man to live in society from his naturalistic, empirical and sensitive education. It therefore defends the view that Rousseau proposed a civilizing education, which is necessary from the social contract, to provide unity among citizens and to guarantee the sovereignty of the general will against selfish wills. It questions what path education must take today to form an autonomous man, having it as a permanent process in human life. From the analysis of the stages of human formation in Emile, he concludes that education should encourage freedom from childhood, allowing every individual to act reflexively and autonomously to ensure its purpose: rationality.

Keywords: Education. Nature. Society. Clarification. Freedom.

INTRODUÇÃO

58

Base fundamental de toda sociedade, a educação garante a organização e o desenvolvimento social, tem o papel primordial de formar a consciência de cada indivíduo, para que este sinta-se membro participante da vida comunitária, ou seja, tornando-se cidadão e, transmitindo assim, sua cultura de geração em geração. O presente estudo retoma a contribuição de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e sua teoria educacional presente na obra *Emílio* (1762), tendo como objetivo analisar um método educativo em que o sujeito possa tornar-se autônomo em seu modo de ser, livre em seu modo de pensar, fazendo escolhas por si mesmo e, ao mesmo tempo, não deixando de assumir a responsabilidade para com o outro e com o bem-comum.

Retomar os estudos de Rousseau sobre a possibilidade de um modo de educar para a liberdade e ao mesmo tempo para a vida social, é uma reflexão fundamental para o tempo presente em que a sociedade e o seu sistema educacional visam primeiramente e cada vez mais o capital e a preparação do homem para o mercado de trabalho. Ou seja, tem-se hoje uma educação tecnicista e mecanicista que deixa de lado a natureza e o esclarecimento humano, provocando um espírito de competição constante entre as pessoas, não despertando a consciência de cidadania e união entre seus membros, mas sim egoísmo e rivalidade.

Pretende-se, nesta pesquisa, seguir um caminho contrário e analisar um modo de educação que promova a liberdade de cada indivíduo, para que estes possam tornar-se donos de sua história e alcançarem a felicidade, por meio da valorização de sua natureza e de sua vontade, sem que deixem de assumir um compromisso com a sociedade. O objetivo, portanto, é conciliar o esclarecimento e a felicidade pessoal com um sentimento de pertença e cidadania.

Para isso ser possível, propõe-se nesse estudo, um sistema educativo que incentive a liberdade desde a infância, bem como, que a natureza e o processo de aprendizagem de cada criança sejam respeitados e valorizados, de modo que seu gosto pelas ciências desperte de modo natural por meio da observação e das experiências pessoais. Isso Jean-Jacques Rousseau propôs para seu personagem Emílio, que era uma criança livre e que aprendia brincando de maneira natural.

Pretende-se, portanto, desenvolver uma análise da educação rousseauiana proposta no *Emílio*, apresentando suas particularidades e suas fases de desenvolvimento humano por meio da educação, desde o nascimento até a vida adulta; intenciona-se ainda, apontar os impactos que a pedagogia de Rousseau provocou na formação da identidade do homem moderno e contemporâneo, com o fim de responder de que modo sua educação naturalista contribui para tornar o indivíduo esclarecido. Esse é o problema de pesquisa desse estudo.

1. PARTICULARIDADES DA EDUCAÇÃO NATURALISTA ROUSSEAUIANA

Na transição entre medievo e renascentismo, a sociedade europeia passou por grandes transformações; caracterizada pela revolução científica, a modernidade possibilitou um maior fluxo de ideias a partir dos descobrimentos marítimos e da imprensa que aumentaram o comércio e desenvolveram as cidades como afirma Moreira (2004, p. 63). Com Copérnico, Galileu e Newton, passa-se da visão de mundo criacionista para uma visão mecanicista. A teoria heliocêntrica influenciou decisivamente na instituição do calendário gregoriano, nos questionamentos sobre a autoridade da igreja nas ciências, sobre os livros que explicavam o mundo e sobre o próprio homem. Tudo isso transformou fundamentalmente todo o pensamento europeu causando, segundo Gajardoni (2016, p. 01), “uma revolução no modo de ver o mundo”.

A filosofia modernista se caracteriza por projetos, entre os quais: o racionalismo, o empirismo, o religioso, o social e, por fim, um projeto político - sob influência de Hobbes - de centralizar a política em um estado absolutista, desenvolvendo-se uma ideia de estado. A burguesia e os intelectuais criticavam a política descentralizada e a economia de subsistência dos feudos, porque não permitiam o desenvolvimento e o crescimento social, opondo-se a esse sistema, ascendem o mercantilismo e o capitalismo e, juntamente a eles, o antropocentrismo e a filosofia humanista: o homem passa a ser considerado a

medida de todas as coisas, agora é ele próprio quem estabelece a nova ordem do universo. Dá-se então, maior valorização da vida material do ser humano, que até então era negada pela religião.

Com todas essas mudanças, emprega-se também o uso de um novo termo: o indivíduo. Por seu esforço, ele pode prosperar, crescer pessoalmente e sonhar com uma vida melhor, gozando o hedonismo dessa vida: o ócio, o belo, o sexualismo e principalmente, o acúmulo de capital, tudo o que até então era visto como prejudicial. A ideia de coletivo que reinou até então, abre espaço para esse indivíduo esclarecido, multifacetado, com poder pessoal e com força de vontade própria como afirma Burckhardt (2009, p. 145-154).

O conceito de moderno se associa ao novo, rompendo com o tradicional. Logo, a novidade é a ideia de progresso pessoal, há um otimismo: o indivíduo moderno passa a fazer projetos para si, confia no futuro, acredita na justiça da meritocracia capitalista. Chega-se então, a uma infinita valorização da razão e da ciência; por meio delas, o homem se torna mais produtivo e pode chegar ao esclarecimento, ordenando a natureza e organizando o mundo conforme suas conveniências. O sujeito moderno faz da razão e da ciência, suas deusas, e deseja alcançar sua autonomia por meio de seu intelecto, de sua atividade cognitiva. (MARCONDES, p. 139-141)

É evidente que a educação moderna também se transformou, partindo do princípio que agora a verdade não é mais revelada por Deus, mas sim buscada pelo próprio homem, através de métodos e fórmulas bem estabelecidos, os modernos desejam ser produtivos, usar de seu esforço para produzir cada vez mais e melhor. Segundo Moreira (2004, p. 63), “foi esta uma das primeiras manifestações da vontade de libertar a razão da crença”.

Desde os primeiros anos de vida, o indivíduo moderno já se ocupa com tarefas de caráter inteligível, como a moral e a justiça, aprende a dominar as situações e alcançar tudo que deseja. Recebe uma educação voltada ao progresso social e ao esclarecimento racional, visando a produtividade acima de tudo. Isso desagradava a Rousseau, que via um problema nesse método educativo de abstração: o homem, desde cedo, desviava-se da verdadeira liberdade:

Se, com a idade da razão, começa a servidão civil, por que antecipá-la pela servidão privada? Aceitemos que um momento da vida seja isento deste jugo que a natureza não nos impôs e deixemos à criança o exercício da liberdade natural, que a afasta, pelo menos por um tempo, dos vícios que se adquirem

na escravidão. Que venham com suas frívolas objeções tanto esses professores severos como esses pais submetidos a seus filhos, e que, antes de louvarem seus métodos, aprendam de uma vez o da natureza. (ROUSSEAU, 2017, p. 101)

A Europa iluminista ainda não conhecia a criança enquanto criança. Como afirma Monroe (1979, p. 265), ela era vista como um “mini adulto”, que estava em formação para tornar-se um homem social racional; ela devia imitar o adulto em tudo, principalmente no uso da razão. Para Rousseau, os mestres que tentam persuadir seus alunos por meio da razão se enganam, pois em geral, acabam utilizando-se de violências ou de bajulações para serem obedecidos, e isso não é razão, mas somente intimidação e importunação:

A natureza deseja que as crianças sejam crianças antes de serem homens. [...] A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituí-las pelas nossas, e me agradaria tanto exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura quanto que tivesse juízo aos dez anos. Com efeito, de que lhe serviria a razão nessa idade? Ela é o freio da força, e a criança não tem necessidade desse freio. (ROUSSEAU, 2017, p. 103)

É nesse contexto que a educação naturalista proposta por Jean-Jacques Rousseau foi uma revolução para a época. Nascido em Genebra, na Suíça, em 1712, Rousseau teve, com base em Monroe (1979, p. 255), uma infância livre, mais instintiva e emocional do que racional; e, talvez por isso, sua teoria educacional volta-se muito mais para a naturalidade nas ações do que no esforço intelectual da criança por meio de livros e ideias morais ou religiosas. Rousseau critica fortemente os padrões educacionais de sua época, pois, para ele, a educação que estava constituída impedia a liberdade de se manifestar da criança, ferindo o direito natural que todo indivíduo tem de ser feliz acima de tudo.

A crítica que Rousseau apresenta, a partir de todo esse contexto, é justamente o fato de a criança assumir atividades e responsabilidades de adultos. Ele entende isso como uma tentativa precoce de amadurecimento que causa aborrecimento e desinteresse para a criança:

Não conhecemos nada da infância: com base nas falsas ideias que temos dela, quanto mais avançamos, mais nos perdemos. Os sábios atêm-se ao que importa aos homens saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o adulto na criança, sem conceber o que ela é

antes de tornar-se adulta. Eis o estudo a que mais me dediquei, para que, ainda que todo meu método seja quimérico e falso, se possa sempre tirar proveito de minhas observações. Posso ter vislumbrado mal o que se deve fazer, mas acredito ter enxergado bastante bem o sujeito sobre o qual se deve operar. Começai, então, por estudar melhor vossos alunos; pois muito seguramente não o conheceis. (ROUSSEAU, 2017, p. 38)

Procurando o adulto na criança, sua natureza é substituída por convenções que os adultos fazem; por exemplo, um padrão de ensino formal, em que a criança passa, todo dia, horas sentada e quieta, lhe pode causar um desvio do seu verdadeiro gosto de aprender. “[...] a mesma fórmula ofereceria, a maioria das crianças, instruções deslocadas e nocivas, que apagariam as verdadeiras qualidades de suas almas para substituí-las por outras aparentes”. (SAES, 2017 *apud* ROUSSEAU, 2017, p.12)

62 Por seguir por essa via contrária a da modernidade, é compreensível que sua proposta educacional possua tantas particularidades, a começar pela valorização da natureza, a qual Rousseau chama de primeira educação, a educação negativa: “A primeira educação deve, portanto, ser puramente negativa. Ela não consiste em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro” (ROUSSEAU, 2017, p. 107). Com efeito, a educação negativa consiste em despertar a consciência da criança para o que é o bem e para o justo, jamais por meio de fórmulas, lições de moral ou castigos, mas sim em sua liberdade, por meio das experiências que se dão naturalmente.

Rousseau, opondo-se a Hobbes, parte do princípio que o homem é bom por natureza, e nesse estado, suas ações são sempre boas para ele, não afetando os demais; porém, o homem civil desviando-se de sua natureza, adquire vícios que corrompem sua bondade e afetam seu caráter. Para Simpson (2009, p. 150), o maior objetivo não declarado de *Emílio* é defender a tese que as pessoas são naturalmente boas e é a sociedade que as torna ruins e infelizes. Em sua *Carta a Beaumont*, Rousseau argumenta:

Eu mostrei que todos os vícios que são atribuídos ao coração humano não são naturais a ele; eu mostrei como eles são adquiridos; eu segui, por assim dizer, sua genealogia e revelei como, através da sucessiva corrupção da bondade original dos homens, eles se transformaram naquilo que são hoje. (ROUSSEAU, 1762 *apud* SIMPSON, 2009, p. 149)

Em geral, segundo Monroe (1979, p. 260), a sociedade da época de Rousseau tinha uma repulsa pela natureza humana, em especial, pela natureza da criança, que era vista como essencialmente má, por grande influência dos ensinamentos educativos e religiosos do período; o propósito era substituir a natureza original por uma natureza modelada em direção do homem ideal. Nesse sentido, a proposta de educação negativa de Rousseau crítica as práticas educacionais de sua época, que tendo uma visão pessimista da natureza humana, “aprisionavam” as crianças em salas de aula para aprenderem conteúdos abstratos para sua idade, com isso, a criança estava sempre sentada e o seu corpo sem movimento:

Chamo educação positiva à que tende a formar prematuramente o espírito da criança e instruí-la nos deveres de homem. Chamo e considero educação negativa à que tende a aperfeiçoar os órgãos que são os instrumentos do conhecimento, antes de dar este conhecimento diretamente, e que busca preparar o caminho para a razão, pelo exercício adequado dos sentidos. Uma educação negativa não significa um período de indolência; longe disto. Ela não dá virtude, protege contra o vício; não inculca a verdade, protege contra o erro. Dispõe a criança para que tome o caminho que conduzirá à verdade, quando chegar a idade de compreendê-la; e o da bondade, quando adquirir a faculdade de reconhecê-la e amá-la. (ROUSSEAU, 1762 *apud* MONROE, 1979, p. 260)

É importante entender que Rousseau critica principalmente o modo de educar na cidade, sobretudo, dos burgueses, pois estes tornam, prematuramente, suas crianças em homens, enchendo-os de atividades, de metas a serem alcançadas e de padrões de comportamento, exigindo muito de seus filhos e esquecendo de levar em consideração as suas vontades, o que o faz e o fará feliz de fato. Ao contrário das críticas que dirige aos cidadãos, ele elogia aos camponeses e muitas vezes os cita em comparação para uma boa educação, isso porque esses são mais livres e crescem mais independentes, aprendendo com as experiências que lhes são proporcionadas. Já na cidade, os burgueses, por excesso de cuidados, acabam “mimando” seus filhos, acostumando-os ao império, ou seja, os pais sempre obedecem a todos os desejos dos filhos:

Aqui está uma das razões pelas quais as crianças do povo, mais livres e mais independentes, são geralmente menos inválidas, menos delicadas e mais robustas do que as que se pretende educar melhor, contrariando-as incessantemente; é preciso, porém, sempre lembrar de que existe, sim, uma diferença entre obedecê-las e não contrariá-las. (ROUSSEAU, 2017, p. 76)

Ainda no que diz respeito ao seu método de educação negativa, outra particularidade é a valorização do corpo, pois é somente por meio de um corpo saudável que a criança pode chegar a adquirir as virtudes da alma, ou seja, serve como meio para alcançar-se a virtude, que é o fim. “É preciso que o corpo tenha vigor para obedecer à alma. Um bom servidor deve ser robusto [...] Quanto mais o corpo é fraco, mais ele comanda; quanto mais é forte, mais obedece” (ROUSSEAU, 2017, p. 61). Com essa colocação, Rousseau faz uma crítica a medicina, pois, para ele, a dependência que ela gera no homem, “mata a coragem”, fazendo-o temer tudo, procurando se proteger de tudo, evitando tudo, como um “cadáver vivo”, que na verdade, não vive, mas procura se conservar apenas, tornando-se ocioso. Por isso, na infância, o corpo deve ser valorizado a priori da razão; as atividades físicas devem ter mais tempo e valor do que aquelas de caráter intelectual:

Se desejas, portanto, cultivar a inteligência de vosso aluno, cultivai as forças que ela deve governar. Exercitai continuamente seu corpo, tornai-o robusto e saudável para torná-lo sábio e razoável; que trabalhe, que aja, que corra, que grite, que esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor e logo o será pela razão. (ROUSSEAU, 2017, p. 137)

Esse exercício constante do corpo deve, como sempre em sua teoria, acontecer de forma natural, com efeito, a criança mesmo deve sentir esse desejo de estar sempre em movimento, o que é de sua natureza. De pouco adiantará isso, se for o mestre quem fica ordenando a criança no que ela deve fazer e como fazer, não é a cabeça do mestre que deve conduzir os braços da criança, afirma Rousseau (2017, p.137). Ele defende que quanto mais o corpo trabalhar, mais o espírito se desperta, mais se esclarece e gradualmente vai formando sua razão, juntamente com a sua força, uma sempre aliando-se e complementando com a outra: “é um erro bastante lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudica as operações do espírito; como se essas duas ações não devessem andar juntas e como se uma não devesse sempre dirigir a outra!” (ROUSSEAU, 2017, p. 137).

Na pedagogia rousseauiana, a razão não assume um caráter negativo, pelo contrário, ela é a finalidade da educação, mas não o meio, não um caminho para educar, se chega à racionalidade por meio dos exercícios empíricos, por meio dos sentidos e não de abstrações cognitivas, eis a crítica de Rousseau a Locke:

Razoar com as crianças era a grande máxima de Locke, e é a mais em voga hoje em dia; seu sucesso não me parece, entretanto, muito propício a dar-lhe crédito, e, quanto a mim, não vejo nada mais tolo do que essas crianças com quem tanto se razoou. De todas as faculdades do homem, a razão, que é, por assim dizer, apenas um composto de todas as demais, é a que se desenvolve mais dificilmente e mais tarde, e é esta que se quer empregar para desenvolver as primeiras! A obra-prima de uma boa educação consiste em fazer um homem razoável, e pretende-se educar uma criança pela razão! Isso é começar pelo fim. É querer fazer da obra o instrumento. Se as crianças entendessem a razão, não precisariam ser educadas; mas falando-lhes, desde sua primeira idade, uma língua que não compreendem, acostumamo-las a engolirem as palavras, a controlarem tudo que lhes dizemos, a se considerarem tão sabias quanto seus mestres, a tornarem-se altercadoras e rebeldes, e tudo que acreditamos obter delas por motivos razoáveis jamais se obtém senão pelos motivos de cobiça, de temor ou de vaidade que somos sempre obrigados a acrescentar. (ROUSSEAU, 2017, p. 102)

Outro ponto particular no *Emílio* é no âmbito da metafísica. Até o momento em que consiga fazer suas escolhas por si próprio, “Emílio não sabe o que é Deus, nem mesmo o que é alma” (SAES, 2017 *apud* ROUSSEAU, 2017, p. 19). Esse é o pensamento de Rousseau que mais lhe causou problemas com as autoridades de sua época. O filósofo não nega Deus, e sim a religião organizada e institucionalizada, afirmando que esse tipo de religião é prejudicial, pois ela causa desinteresse para a criança, ou gera apenas fanatismos e intolerâncias. Ele defende uma religião natural, apresentada na profissão de fé do Vigário Saboiano, como “um tipo de espiritualidade que é mínimo, cético, naturalista, moderado, tolerante e informal” (SIMPSON, 2009, p. 172).

Cabe ainda refletir sobre qual é, de fato, o verdadeiro sentido de natureza humana para Rousseau, entendendo que sua educação naturalista, segundo Simpson (2009, p. 173), não prezava a ignorância e a rusticidade, pelo contrário, Emílio torna-se culto e sofisticado, aprendendo e aperfeiçoando vários saberes por meio de uma educação elevada. Simpson argumenta ainda que:

A forma natural de algo é aquilo que ela obtém em seu ambiente natural, e seu ambiente natural é aquele que favorece essa manifestação natural. O argumento de Rousseau era de que se a árvore fosse ‘deixada em paz’ cresceria reta, porém se fosse realmente deixada em paz, talvez morresse por falta de sol e água. O problema fica ainda mais profundo quando se volta à questão da natureza humana, pois todas as crianças serão educadas em alguma cultura, que conterà elementos arbitrários como linguagem, maneiras e costumes que definirão a formação da criança de uma forma ou de outra. (SIMPSON, 2009, p. 179)

É possível compreender que Rousseau não despreza totalmente as práticas culturais da sociedade em que está inserido, ele atribui valores culturais às crianças, desde que lhe seja considerados importantes, com isso, é possível interpretar o porquê de muitas vezes, como afirma Simpson (2009, p. 174), o tutor interferir e manipular o ambiente de seu aluno (como por exemplo, no caso de seu casamento com Sofia) como uma forma de inculcar sutilmente como deve ser o seu comportamento social, o que é importante e o que não é. Justamente sobre Sofia, trata-se grande parte do livro V de *Emílio*, mais precisamente, sobre uma educação feminina.

Rousseau defende que, como diz Simpson (2009, p. 175), a perfeição da natureza feminina é servir ao homem. Mas o que mais chama atenção é o fato de que, o filósofo tem de particular na educação da mulher, uma ideia de liberdade, ou seja, a mulher poderia aprender diversas disciplinas, podendo participar da vida pública da sociedade e tornando-se tão sofisticada quanto ao homem, porém, conservando sua natureza de mulher. Se baseando na *República* de Platão, Rousseau escreve:

Resulta disso que deva ser educada na ignorância de todas as coisas e limitada apenas às funções do lar? O homem fará de sua companheira sua criada? Privar-se-á, junto dela, do maior encanto da sociedade? Para melhor sujeitá-la, impedi-la-á de sentir qualquer coisa, de conhecer qualquer coisa? Fará dela um verdadeiro autômato? Não, seguramente: assim não lhe falou a natureza, que confere às mulheres um espírito tão agradável e perspicaz. Ao contrário, ela quer que pensem, que julguem, que amem, que conheçam e que cultivem seu espírito assim como sua aparência; essas são as armas que lhes dá para suprir a força que lhes falta e para dirigir a nossa. Devem aprender muitas coisas, mas somente as que lhes convém saber (ROUSSEAU, 2017, p. 423)

Por fim, a pedagogia contida no *Emílio* traz como novidade, segundo Reale (2005, p. 286), o modo de ver a educação como um processo permanente na formação humana, que visa a preparação para a vida social a partir de uma liberdade bem guiada pela razão. Esse processo se divide em quatro estágios que abrangem as fases da vida desde o nascimento até alcançar a idade adulta. Nos primeiros estágios Rousseau se preocupa antes em proteger o coração da criança dos vícios e dos erros que os adultos podem lhes causar, do que propriamente em torna-las virtuosas e ensina-las a razoar.

Para estarem protegidas da corrupção da natureza, é importante que as crianças se desenvolvam em total liberdade, por meio de atividades físicas podem aprender a raciocinar por si próprias, fazendo juízos e interligando o mundo que as cerca por meio das experiências e dos sentidos. É somente depois que a criança toma essa consciência de autonomia que ela avança para os estágios da moral e da razão.

Rousseau afirma que a formação humana deve anteceder a qualquer outra coisa que o homem possa vir a ser. E para dar início ao processo de formação que levará o homem a seu desenvolvimento moral. Deve ser preparado o caminho que deverá percorrer a criança até sua adolescência. (NETO, 2005 *apud* KRUL, 2012, p. 20)

Até a adolescência a preservação do amor-de-si contra os vícios do egoísmo, da vaidade, da exaltação de si é o que mais importa para a boa educação da criança. A partir da terceira fase do processo educacional importa despertar o amor aos semelhantes, por meio da convivência e da religião natural. Quando for capaz de amar aos outros como a si mesmo, Emílio estará capacitado para viver na sociedade. Chega-se à idade adulta conservando sua liberdade natural e despertando um sentimento de igualdade perante seus semelhantes. Embora a educação não esteja acabada, alcançou os objetivos principais: a paz e a felicidade dentro da sociedade.

2. A EDUCAÇÃO DE LIBERDADE NO ESTADO: IMPACTOS DA PEDAGOGIA ROUSSEAUNIANA NA IDENTIDADE DO HOMEM MODERNO

Para Rousseau, o homem em estado primário é uma criatura boa, inocente e pura, que possui um instinto de se preservar. Nesse estado de natureza todos os homens são iguais e livres, possuindo um direito natural a vida. O homem carrega consigo suas paixões primitivas, o amor de si, que o permite bastar-se a si mesmo e ainda assim ter sentimentos de compaixão com os demais. A teoria educacional do filósofo tem por

princípio preservar essa concepção de homem natural bom por essência, na vida em sociedade, dentro do Estado.

Conforme Rousseau teoriza em sua obra *Do Contrato Social*, em um primeiro momento, o homem selvagem vive sem sociedade, é somente por um sentimento de carência que ele passa a se agrupar e viver socialmente. A partir de então, acontece a degeneração e a corrupção humana, as paixões puras do amor de si se transformam em sentimentos vaidosos e egoístas que Rousseau chama amor próprio. Nesse segundo momento o homem passa a desejar ser mais importante que seu semelhante, surge a vontade de possuir mais que o outro e conseqüentemente os primeiros indícios da desigualdade social, que se origina com a invenção da propriedade privada. A vida social é então destruída, gerando um constante espírito de competição, uma guerra de todos contra todos.

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!” (ROUSSEAU, 1973, p. 265)

A proposta educacional rousseauiana não é voltar ao estado primitivo de selvageria, porque nesse estado há carência, mas sim reestabelecer a bondade humana corrompida na sociedade. Se faz necessário firmar um contrato em que as pessoas com total liberdade possam viver em um Estado onde as paixões primitivas sejam respeitadas. Os indivíduos renunciam suas vontades particularizadas de forma livre, entendendo como vontade geral viver as leis estabelecidas pelo Soberano, que é a própria sociedade. Acredita-se que o caminho para alcançar isso se faz por meio de uma boa educação, que permite ao homem voltar a ser livre, bastar-se a si mesmo e compreender por si próprio a importância do Estado. Com efeito, não há renúncia da liberdade, mas somente renúncia dos interesses particularizados. A finalidade da educação é, portanto, garantir a liberdade no Estado, que bem guiada pela razão, possibilita uma vida social harmônica, feliz e pacífica.

As necessidades mudam de acordo com a situação dos homens. Há realmente uma diferença entre o homem natural vivendo no estado de natureza e o homem natural vivendo no estado de sociedade. Emilio não é um selvagem a ser relegado aos desertos; é um selvagem feito para viver nas cidades. É preciso que saiba encontrar nelas seu necessário, tirar proveito de seus habitantes e viver, se não como eles, ao menos com eles. (ROUSSEAU, 2017, p. 241)

Uma contribuição que a educação naturalista proporcionou para a formação do homem moderno a partir da visão apresentada foi, como explica Monroe (1979, p. 264-266), o rompimento com a concepção antiga de educação, que objetivava suprimir a natureza humana, vista como abominável, por meio de moldes tradicionais que não respeitavam a vontade da criança e a negação do modo de educar renascentista que vigorava ainda no seu tempo e que percebia a criança como um recipiente vazio no qual se deveria depositar todas as ideias, crenças e a moralidade dos adultos.

Em seu método, Rousseau insiste para que desde cedo as crianças sejam capazes de formar juízos sobre as coisas por si próprias, interligando os conhecimentos e os aliando com a prática, ou seja, saber fazer por si e além disso, saber o porquê fazer. Deve-se então, fazer somente o que é necessário, mas fazer bem feito, ligando as faculdades do conhecimento, a criança aprende fazendo, exercitando, de modo a se ter um conhecimento mais completo e útil e não memorizando fórmulas e conceitos abstratos que não são conciliados com o seu mundo real. Pode-se afirmar que Rousseau, criticando o método decorativo de estudar, acaba colaborando com o método de estudo interligado, por meio de redes, aliando as várias disciplinas para se ter o conhecimento do todo e não as separando como coisas distintas.

Fazei, contudo, com que todos seus experimentos se vinculem um ao outro por alguma espécie de dedução, para que, com a ajuda desse encadeamento, elas possam situá-los por ordem em seu espírito e lembrá-los segundo a necessidade, pois é bastante difícil que fatos e mesmo raciocínios isolados se mantenham por muito tempo na memória quando se carece da capacidade de reconduzi-los a ela. (ROUSSEAU, 2007, p. 207)

A educação naturalista vista como um permanente processo de formação humana, transforma a percepção sobre sua própria função para o homem. Se até então acreditava-se que seu valor se dava após a conclusão, ou seja, o homem fica pronto no fim de sua educação, a partir de Rousseau, todos estágios particulares do desenvolvimento humano têm valor, o indivíduo está permanentemente se construindo e se educando de modo contínuo. É um processo de viver que se justifica em si mesmo, garantindo uma vida presente feliz, em todas as suas fases. A criança não é vista como sem luz, inteiramente dependente de seu mestre depositar conhecimento nela, ao contrário, ela aprende e se desenvolve por si própria, em seu meio, através da relação com os demais e com o seu mundo como um todo.

A educação não é mais um processo artificial, áspero, antipático, repressivo de todas as inclinações naturais – pelo qual a criança como um pequeno homem se transforma num grande nas mãos do seu mestre. Dando-se, porém, liberdade às forças naturais, transforma-se o processo de desenvolvimento numa vida agradável, racional, harmoniosamente equilibrada e útil, portanto, natural. O fim se alcança não com a vida como adulto, mas com cada dia que passa, pois a vida tem cada dia as suas atividades naturais, seus deveres apropriados e suas satisfações correspondentes. (MONROE, 1979, p. 266)

A proposta educacional de Rousseau visa em primeiro lugar a pessoa, a tendo como fim em si mesma e não um meio, um objeto a serviço de algo externo. Antes de mais nada, a educação deve levar o indivíduo a conhecer os fenômenos e as suas forças naturais aprendendo a se localizar em seu meio, compreendendo sua existência. O segundo passo é o conhecimento moral e mental, toda pessoa deve ter liberdade de pensar por si própria, como por exemplo, sobre a religião e a moralidade, sem precisar de instituições formais tutelando e controlando o agir moral. Somente após essas duas etapas de autoconhecimento é que o indivíduo se educa para os seus deveres de cidadão, como o trabalho e a participação política.

O filósofo está, antes de tudo, preocupado com a formação da consciência humana, uma consciência de si mesmo enquanto ser social, somente depois vem a preparação e a formação para o trabalho e os demais compromissos na sociedade, de acordo com aquilo que a pessoa manifeste gosto em desempenhar. Sua educação, portanto, não é tecnicista, pois valoriza o ser humano em primeiro lugar.

Por ser inovadora e fazer duras críticas ao sistema estabelecido em sua época, a pedagogia rousseuniana e o próprio filósofo sofreram graves represálias. As autoridades em grande parte foram contrárias à sua proposta e chegaram a proibir a propagação de suas obras de 1762: *Do contrato social* e *Emílio*, que tiveram seus exemplares queimados em Genebra, o próprio filósofo foi perseguido e se viu obrigando a fugir da França para a Suíça e da Suíça para a Prússia como relata Simpson (2009, p. 43-44). Apesar disso, suas ideias se difundiram e Rousseau teve influência na identidade do homem contemporâneo. Sua teoria naturalista revolucionou o sistema educacional a partir do século XIX, influenciando novas doutrinas e pensadores da educação, considerado o precursor da psicologia educacional de Pestalozzi, Herbart e Froebel. (MONROE, 1979, p. 268)

Em toda a Europa, seu pensamento se difundiu e a tendência naturalista ganhou adeptos e críticos como toda teoria. Na filosofia, sua visão foi estudada e defendida por Kant, que cita Rousseau como aquele que o trouxe ao caminho correto:

Eu sou por inclinação um pesquisador. Sinto uma grande sede por conhecimento, uma ansiosa inquietação em avançar mais em sua direção e também felicidade quando alcanço algum. Havia um tempo em que eu pensava que apenas isso poderia trazer glória à humanidade e eu desprezava o povo que não sabia de nada. Rousseau me trouxe ao caminho correto. Aquela preferência cega desapareceu e eu aprendi a honrar os homens. Eu me sentiria sem finalidade, como um trabalhador indigno, se eu não acreditasse que aquelas reflexões poderiam atribuir algum valor para estabelecer os direitos da humanidade. (KANT, 1764 *apud* KLEIN, 2019, p. 01)

Hegel apesar de criticar todos os contratualistas, formula a teoria da *sprassunção* que em muito se assemelha à ideia de vontade geral de Rousseau. Já na contemporaneidade, com a primeira geração da Escola de Frankfurt afirmando que o projeto da modernidade falhou, ao dizer que o homem não pode se tornar esclarecido pela razão, a educação para a liberdade de Rousseau passa a ser desvalorizada. É somente quando Habermas se afasta da visão frankfurtiana e afirma que o projeto moderno está inacabado, mas deve ser concluído a partir de um novo paradigma: o da linguagem, é que se pode resgatar a proposta rousseuniana. Apesar das diferenças, é possível reviver a pedagogia de Rousseau; ambos se preocupam com que a educação

permita ao homem formar a si próprio enquanto ser humano antes de ser formado para o trabalho social.

O Estado deve garantir a liberdade e a felicidade de cada cidadão e não pode ser refém e obedecer aos interesses particulares do mercado ou de qualquer outra classe particular, ou seja, ele precisa ser soberano e garantir a vontade geral. O indivíduo precisa de tempo livre, para refletir a partir da interação social, logo, precisa ter liberdade e não ser submetido a esfera do trabalho como um simples meio ou produto de algo exterior, algo inconcebível para os dois pensadores.

Vós a acostumais a deixar-se sempre conduzir, a não ser nada além de uma máquina nas mãos de outrem. Quereis que seja dócil quando pequena; isso é querer que seja crédula e ingênua quando grande. Dizeis-lhe repetidamente: “tudo que vos peço é para vosso proveito; mas não estais em condição de conhece-lo. Que me importa que façais ou não o que exijo? É apenas para vós que trabalhais”. Com todos esses belos discursos que lhe fazeis agora para torná-la sábia, preparais o sucesso daqueles que lhe fará algum dia um visionário, um intrometido, um charlatão, um velhaco ou um louco de toda espécie, para fazê-la cair em sua armadilha ou para fazê-la adotar sua loucura. (ROUSSEAU, 2017, p. 208-209)

Por fim, a partir dessa citação, é possível ainda fazer um elo entre o filósofo genebrino e a filosofia de Foucault sobre os “corpos dóceis”, no que tange a crítica ao controle e o poder que as instituições tradicionais submetem o homem por meio de discursos prontos que não permitem a pessoa pensar. Na contemporaneidade Rousseau ainda exerce influência sobre outros pensadores da educação como, por exemplo, Paulo Freire e sua teoria de educação libertadora.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação naturalista de Rousseau tem por fundamento implícito a afirmação de um homem de natureza boa, que bastando-se a si mesmo precisa viver em sociedade apenas para suprir suas carências. Para que não se corrompa nesse estado social é fundamental preservar a liberdade natural humana por meio da educação. Mesmo que naturalmente o homem rousseauiano não seja

um ser social, ele pode aprender a conviver bem, preservando suas paixões primitivas, como a compaixão, a gratidão e a bondade. Para isso, firma-se um contrato social que pretende garantir a boa convivência e a felicidade pessoal. Esse contrato, portanto, é feito em total liberdade pelos próprios cidadãos que o entendem necessário.

O homem somente conserva sua liberdade no Estado se for educado para tal fim, logo, anterior ao contrato social, deve ser a educação que serve como um meio para formar indivíduos esclarecidos e felizes. Deve se educar para a autonomia, pensar e fazer escolhas por si próprio, mas reconhecendo e desejando viver em sociedade. Para garantir isso, Rousseau postula uma educação negativa que objetiva assegurar que o homem não se desvie de sua natureza. O fim da educação rousseauiana é, portanto, o esclarecimento individual: a razão que guia o homem e o permite ter consciência de pertença a sociedade.

A pedagogia de Rousseau sofre grande influência da educação platônica presente na obra *A República*, a qual o filósofo moderno declara ser a obra mais completa sobre educação. Entre muitas semelhanças vale destacar duas: o comunismo parcial platônico, que limita a propriedade privada e o papel de todas as formas de associações, inclusive a família. E o princípio de Rousseau de que cada um, sendo de todos, não pertença a ninguém. Ou seja, tanto no filósofo antigo quanto no moderno, se pretende negar uma liberdade desordenada e garantir uma individualidade que favoreça o conjunto, desenvolvendo cada pessoa em sua liberdade, em seus direitos e também em suas responsabilidades, de modo que, tendo uma consciência de si, tenha-se também uma consciência de pertença a uma sociedade. Logo, no Estado de liberdade, todo indivíduo tem o bem comum como um bem próprio, garantindo a vontade geral e uma vida feliz. (BARKER, 1978, p. 201-226)

Conclui-se que a educação naturalista de Rousseau é desenvolvida para a vida social, a partir da necessidade do contrato, para suprir as carências do homem primitivo e conservar sua natureza, evitando os vícios que surgem na vida social. Essa educação libertadora, garantidora da autonomia pessoal e de um Estado de liberdade, se apresenta hoje, como uma utopia para a atual sociedade. Procura-se, por meio da educação, encontrar uma via para alcançar ainda hoje, o esclarecimento pessoal, que pode libertar o homem.

REFERÊNCIAS

BARKER, E. A república e sua teoria do comunismo. In: BARKER, E. **Teoria política grega**. 1. ed. Brasília: Ed. UnB, 1978. p. 201-226.

BURCKHARDT, J. **A cultura do renascimento na Itália**. Tradução de Sergio Tellaroli. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2009. 504 p.

GAJARDONI, A. Copérnico: a Terra em seu devido lugar. **Comportamento**, São Paulo, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/copernico-a-terra-em-seu-devido-lugar/>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

KLEIN, J. T. A questão da natureza humana: Kant leitor de Rousseau. **Transformação**. Marília, v. 42, n. 1, p. 09-34, Mar., 2019.

KRUL, A. J. **Rousseau: a educação de Emílio nas primeiras etapas da sua vida**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2012. 59f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012.

MARCONDES, D. As origens do pensamento moderno e a ideia de modernidade. In: MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 139-141.

MONROE, P. **História da educação**. Tradução de Idel Becker. 14. ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1979. 387 p. 34 v. (Atualidades pedagógicas).

MOREIRA, R. N. A revolução científica do século XVII. In: CHITAS, E; SERRÃO, A. V. **Razão e espírito científico**. 1. ed. Lisboa: Duarte Reis, 2004. p. 63-74.

REALE, G; ANTISERI, D. Jean-Jacques Rousseau: o iluminista “herético”. REALE, G; ANTISERI, D. **História da filosofia: de Spinoza a Kant**. Tradução de Ivo Storniolo. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 277-300. 4 v.

ROUSSEAU, J. J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social e outros**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Edição de Victor Civita. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 207-328. (Os Pensadores)

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social**. Tradução de Ana Resende. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013. 141 p. (Coleção a obra-prima de cada autor)

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da educação**. Tradução de Laurent de Saes. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2017. 559 p.

SAES de, L. Introdução. In: ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da educação**. Tradução de Laurent de Saes. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2017. p. 09-33.

SIMPSON, M. **Compreender Rousseau**. Tradução de Hélio Magri Filho. Revisão de Andréa Drummond. [1. ed]. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 192 p. (Série Compreender).